

PRÓLOGO

21 DE FEVEREIRO DE 1950

Um motel abandonado na encosta das colinas de San Berdoo. Buzz Meeks trazia consigo noventa e quatro mil dólares, nove quilos de heroína de superqualidade, uma caçadeira de repetição calibre 10, um *Colt* .38 especial, uma pistola automática .45 e uma navalha de ponta e mola que tinha comprado a um *pachuco*¹ na fronteira — mesmo antes de reparar no automóvel parado do outro lado da linha de demarcação: homens a soldo de Mickey Cohen numa viatura do Departamento da Polícia de Los Angeles, sem distintivos, chuis de Tijuana prontos a apoderarem-se de uma parte da mercadoria e a lançarem o seu cadáver no rio de San Isidro.

Há uma semana que andava a monte; já gastara cinquenta e seis mil dele para salvar a pele: carros, esconderijos a quatro e cinco mil por noite — tarifa de risco, pois os hospedeiros sabiam que Mickey C. andava à sua procura por ele lhe ter estragado um negócio de drogas e sacado a pequena e que a Polícia de L. A. o queria apanhar por ele ter morto um dos deles. Qualquer possibilidade de vender a heroína de caras estava comprometida, pois Cohen pusera-lhe a cabeça a prémio — ninguém ousava pegar no produto com medo das represálias; a única coisa que podia fazer era passá-lo aos filhos de Doc Englekling — Doc guardá-lo-ia em pacotes, vendendo-o mais tarde e pagando-lhe, então, a comissão devida. Doc costumava trabalhar com Mickey e tinha miolos suficientes para ter medo desse sacana. Os mapas, que cobravam quinze mil barotes pela operação, tinham-no mandado para o Motel El Serrano e preparavam-lhe a fuga. Nessa mesma noite, dois passadores de imigrantes mexicanos clandestinos conduzi-lo-iam a uma plantação de feijões de onde o expediriam, via linha aérea pozinhos de perlímpimpim, para Guatemala City.

¹ Mexicano. (*N. da T.*)

Levaria consigo uns dez quilos de heroína para semear nesse país — caso pudesse confiar nos filhos de Doc e estes pudessem confiar nos passadores.

Meeks deixou o carro num pinhal, tirou a mala e observou o seu próximo esconderijo.

O motel tinha o feitio de uma ferradura e uma dúzia de quartos cujas traseiras davam para as encostas. Era impossível alguém aproximar-se pela parte de trás.

O pátio do motel era de cascalho e estava juncado de pequenos ramos, papéis sujos e cacos de garrafa, ao menor passo rangeriam e pneus fariam estalar a madeira e os vidros.

Havia só um acesso possível: o caminho que tomara para lá chegar. Quem quisesse aproximar-se para lhe mandar um balázio teria de atravessar um matagal.

Ou podiam muito bem encontrar-se já à sua espera num dos quartos.

Meeks pegou na caçadeira e começou a arrombar as portas a coice. Uma, duas, três, quatro — teias de aranha, ratos, casas de banho imundas com retretes entupidas, restos podres de comida, revistas em espanhol. Os passadores utilizavam provavelmente o sítio para abrigar os mexicanos a caminho das plantações de escravos do condado de Kern. Cinco, seis, sete — *bingo!* — famílias mexicanas encolhidas a um canto, apavoradas à vista de um branco armado.

— Calma, não é nada — disse, para as tranquilizar.

A última série de quartos encontrava-se vazia. Meeks pousou a mala no interior do quarto 12: boa panorâmica, tanto do que se passava em frente como do pátio, um colchão numa armação com molas a deitar sumaúma por todos os lados; nada mau para a sua última noite nos States.

Um calendário com gajas nuas espetado na parede. Meeks folheou-o até ao mês de abril, para ver em que dia da semana calhava o seu aniversário: uma quinta-feira. A miúda da fotografia tinha os dentes estragados, mas era boazona. Lembrou-lhe Audrey — *ex-stripteaser* e *ex-namorada* de Mickey —, a razão pela qual ele matara um chui e arruinara o negócio de drogas entre Cohen e Dragna. Passou as folhas do calendário até dezembro, deu-se conta de que não tinha lá muitas probabilidades de sobreviver aquele ano e assustou-se: começou a suar e a tremer como varas verdes com uma veia que lhe pulsava na testa, *tap, tap, tap.*

A crise piorou: autêntico cagaço. Meeks pousou o arsenal no para-peito da janela e entulhou os bolsos com munições: balas para o .38 e carregadores sobressalentes para a automática. Meteu a navalha de ponta e mola na cintura, barricou a janela de trás com o colchão e entreabriu a janela da frente, para arejar. Uma leve brisa refrescou-lhe o rosto: olhou lá para fora e viu uns *putos* mexicanos a brincar com uma bola de basebol.

Deixou-se ali ficar sem se mexer. Imigrantes clandestinos começaram a juntar-se no pátio, gesticulando e apontando para o Sol como se estivessem a ver as horas, à espera do camião que os transportaria para um trabalho de forçados por três refeições quentes e uma enxerga. O dia começou a declinar; os colhedores de feijão puseram-se a tagarelar. Meeks avistou dois brancos — um gordo e um magro — que entravam no pátio. Acenaram estilo amigalhaço; os mexicanos retribuíram a saudação. Não tinham aspeto de chuis nem de homens de Cohen. Meeks saiu do quarto com a caçadeira escondida atrás das costas.

Os dois homens cumprimentaram-se: grandes sorrisos e ar prazenteiro. Meeks inspecionou a estrada — um *sedan* verde, parado de esquelha, bloqueava qualquer coisa azul-clara, demasiado brilhante para ser o céu através dos pinheiros. Entreviu um clarão de luz refletido numa superfície metálica e, de repente, percebeu o que se passava: Bakersfield, o encontro com os tipos que precisavam de tempo para arranjar o dinheiro. *O automóvel azul que tentara abalroá-lo na estrada um minuto mais tarde.*

Meek, sorriu: um tipo porreiro, sem nada na manga. Dedo no gatilho e olho vivo em cima do magricelas: Mal Lunceford, um mauzão da esquadra de Hollywood costumava ir fazer olhinhos às empregadas do Scrivener's Drive-in, inchando o peito para mostrar as medalhas ganhas nos torneios de tiro ao alvo. O toucinho de banha, que se encontrava mais perto, disse:

— Temos o avião à espera.

Meeks brandiu a caçadeira e disparou uma rajada. O gordalhão apanhou com o chumbo em cheio e levantou voo, aterrando em cima de Lunceford e fazendo-o cair de costas. Os clandestinos fugiram em debandada.

Meeks voltou a correr para o quarto e ouviu a janela de trás a ser arrombada.

Amarrou o colchão e foi canja: três cartuchos triplo zero para dois homens a curta distância.

Foram ambos pelos ares; os estilhaços de vidro e o sangue salpicaram três outros mecos que se aproximavam cautelosamente encostados à parede. Meeks saltou pela janela e fez fogo contra três pares de pernas coladas umas às outras; com a mão livre, tirou uma pistola da cintura de um dos mortos.

Gritaria no pátio; barulho de gente às correrias no cascalho. Meeks largou a caçadeira e precipitou-se aos tropeções até à parede — na direção dos gajos que abateu, enraivecido, à queima-roupa.

Passos no interior do quarto, duas espingardas à mão. — Já cá canta! — berrou Meeks.

Ouviu uma ovação em resposta e viu braços e pernas a saírem pela janela. Agarrou na espingarda mais próxima e despejou o carregador: alvos caídos na armadilha, o estuque a voar aos bocados, a madeira seca a arder.

Passou por cima dos corpos e penetrou no quarto. A porta da frente estava aberta. Um som estranho, como uma pancada; Meeks viu um homem deitado de borco, por detrás da armação da cama, a apontar para ele.

Atirou-se para o chão e mandou-lhe um pontapé, mas falhou. O homem disparou e a bala passou-lhe a rasar. Meeks empunhou a navalha de ponta e mola e atirou-se a ele; golpeou-o no pescoço e na cara. O tipo uivou de dor, mas continuou a disparar — ricochetes por toda a parte. Meeks cortou-lhe a garganta, rastejou até à porta e fechou-a com a ponta do pé. Agarrou-se às pistolas e respirou fundo.

As chamas alastravam, queimando corpos e pinheiros; a porta da frente era a única saída. *Quantos mais estariam à sua espera com o dedo no gatilho?*

Tiros.

Vinham do pátio. Balas de grosso calibre que rebentavam com as paredes. Meeks apanhou com uma na perna e outra esfolou-lhe as costas. Caiu, os tiros não cessavam, a porta foi para o galheiro. Meeks estava mesmo no meio de um fogo cruzado.

De repente, silêncio. Os tiros pararam.

Meeks escondeu as armas debaixo do peito e estendeu-se ao com-prido, estilo cadáver. Os segundos prolongavam-se. Quatro homens entraram no quarto de espingarda na mão. Sussurros:

— Esticou o pernil.

— Cautela!

— Cabrão do mâniao...

Mal Lunceford não se encontrava no meio deles. Passos...

Pontapés nos costados, respirações ofegantes, risinhos. Um pé deslizou por debaixo dele.

— Sacana do gordo — disse uma voz.

Meeks deu um safanão no pé; o homem caiu para trás. Meeks rolou sobre si mesmo e disparou a curta distância. Não falhou nenhum: quatro homens caem pesadamente no chão. Meeks via tudo de pernas para o ar: o pátio do motel, Mal Lunceford a dar o bafo... Foi então que ouviu uma voz atrás dele.

— Olá, meu rapaz.

E Dudley Smith passou através das labaredas, vestido com um grande *capote* de bombeiro. Nesse mesmo instante, Meeks repara na sua mala ao pé do colchão — noventa e quatro mil dólares e a droga.

— Chegaste mesmo a tempo, Dud.

— Como os escuteiros, meu rapaz. Tens alguma palavra de adeus a dizer?

Suicídio: propor um negócio a Dudley S. como cão de guarda.

Meeks ergueu a arma; Smith disparou primeiro e Meeks morreu a pensar que o Motel El Serrano era igualzinho ao Álamo².

² Forte em San Antonio, no Texas, cercado e tomado pelas tropas mexicanas do general Santana no século XIX. Quase todos os heróis míticos norte-americanos, entre os quais David Crockett, morreram no decorrer da batalha. (*N. da T.*)

PRIMEIRA PARTE

NATAL SANGRENTO

1

Bud White, a bordo de um carro da Polícia, sem sinais distintivos, apreciava a luz cintilante de 1951 no topo da árvore de Natal da Câmara Municipal. O banco de trás estava carregado de bebidas destinadas à festa daquela noite na esquadra. Andara a cravar os donos das lojas durante todo o dia, sem se ralar com as ordens de Parker: os homens casados tinham a véspera e o dia de Natal livres, os tipos de serviço eram todos solteiros. A brigada da esquadra da Central tinha sido destacada para engavetar os vagabundos: o chefe queria todos os vadios do bar à sombra para que não aparecessem em força na festa ao ar livre organizada pelo presidente da Câmara, Bowron, a favor das crianças pobres, e comessem todas as guloseimas. No Natal passado, um maluco de um preto tirou a picha para fora, mijou na limonada destinada à miudagem de um orfanato e disse à Sr.^a Bowron:

— Agarra-te a isto, minha puta!

O primeiro Natal de William H. Parker como chefe do Departamento da Polícia de Los Angeles fora passado a transportar a esposa do presidente da Câmara aos serviços de urgência da Central para lhe administrarem calmantes e agora, um ano mais tarde, era *ele* quem pagava as favas.

As caixas de bebidas empilhadas no banco de trás punham-lhe as costas em compota; Ed Exley, o assistente do comandante de guarda, era o género de tipo que seguia o regulamento à risca. Seria bem capaz de fazer um chinfrim se visse uma centena de chuis a bebericar na sala de brigada. E Johnny Stompanato estava atrasado vinte minutos.

Bud ligou o rádio emissor-recetor. As mensagens do costume: pequenos furtos, assalto a uma loja de bebidas em Chinatown. A porta do lado do passageiro abriu-se e Johnny Stompanato sentou-se sorrateiramente.

Bud acendeu a luz interior do carro.

— Boas festas — disse Stompanato. — Onde é que está o Stensland? Tenho informações para vocês dois.

Bud mediu-o de alto a baixo. Há um mês que o guarda-costas de Mickey Cohen estava desempregado. Mickey encontrava-se na cadeia por fraude ao fisco, um crime federal: três a sete anos na ilha McNeil. Johnny Stomp via-se obrigado a arranjar as unhas em casa e a passar a ferro as suas próprias calças.

— *Sargento* Stensland — corrigiu Bud. — Anda a embarcar vadios. Ganha-se o mesmo, de qualquer modo...

— Que azar. Sabe bem que aprecio o estilo do Dick, não sabe, *Wendell*?

Johnny, o boa-pinta: beleza italiana, caracóis penteados em poupa. Bud ouvira dizer que ele tinha um membro de burro e que enchumacava a braguilha para o fazer parecer ainda mais volumoso.

— Deixa-te de floreados e conta-me lá o que sabes.

— O Dick tem mais boas maneiras do que você, *agente White*.

— Tens tesão por mim ou queres só conversa?

— Quem me faz tesão é a Lana Turner. Quanto a si, o que o excita são os maridos que batem nas mulheres. E também ouvi dizer que se derrete todo em frente das senhoras e que qualquer uma o satisfaz.

Bud fez estalar os nós dos dedos.

— E vocês, seus grandes cabrões, lixam os outros para viver. Todo o dinheiro que o Mickey dá para as obras de caridade não o torna melhor do que realmente é: um vendedor de drogas e um chulo. Portanto, não é porque tenho raiva a esses gajos que sou igual a ti. *Capisce*, minha besta?

Stompanato sorriu nervosamente; Bud olhou pela janela. Um Pai Natal do Exército de Salvação metia no bolso as doações do dia, com o olho fito na loja de bebidas situada do outro lado da rua.

— Ouça cá — disse Stompanato —, você quer informações e eu preciso de massa. O Mickey e o Davey Goldman estão na choldra e é o Mo Jahelka que se ocupa dos negócios durante a ausência deles. O Mo contenta-se com pouco e não tem trabalho para mim. O Jack Whalen nem por esmola me dá emprego e, da parte de Mickey, não vi a ponta de um corno.

— Ele não mandou nenhum envelope? O Mickey estava cheio dele quando foi dentro. Ouvi dizer que ele conseguiu recuperar a mercadoria que tinha sido fanada quando do seu encontro com o Jack Dragna.

Stompanato abanou a cabeça.

— Ouviu mal. O Mickey apanhou o larápio, mas a droga desapareceu. E o tipo pisgou-se com cento e cinquenta mil dólares do cacau do Mickey. Então, agente White, eu cá preciso de dinheiro. E se o vosso fundo reservado aos informadores ainda tem algum, hei de arranjar-vos uns gajos de primeira.

— Faz isso às claras, Johnny. Torna-te um bom branco, como o Dick Stensland e eu.

Stomp deu uma pequena risada.

— Um ladrão de chaves por vinte, ou um gatuno de armazéns que dá porrada na mulher por trinta. Deixe-se tentar. Quando vinha para cá, vi-o a postos no Ohrbach.

Bud pegou numa nota de vinte e noutra de dez; Stompanato tirou-lhas de entre os dedos.

— Ralph Kinnard. Um gajo gordo, louro, com cerca de quarenta anos. Está vestido com um casaco de camurça e calças cinzentas de flanela. Ouvi dizer que batia na mulher e a obrigava a prostituir-se para compensar as suas perdas ao póquer.

Bud anotou a informação.

— Boas festas, Wendell.

Bud agarrou-o pela gravata e deu um puxão; Stomp foi bater com a cabeça de encontro ao *tablier*.

— Feliz Ano Novo, cabeça de nabo.

* * *

O Armazém Ohrbach estava à cunha; os clientes assaltavam os balcões e as roupas expostas. Bud abriu caminho à cotovelada até ao terceiro andar, coutada de caça ideal para a gatunagem: joias e perfumes.

Montras com relógios; filas de trinta pessoas em frente das caixas registadoras. Bud pôs-se à cata de homens louros, deixando-se empurrar por donas de casa e crianças. E, de repente — *zás!* —, um louro de casaco de camurça a esgueirar-se para a casa de banho dos homens.

Bud teve de empurrar uma data de gente antes de conseguir, por sua vez, lá entrar. Dois velhos imbecis estavam de pé em frente do urinol; umas calças cinzentas de flanela baixadas, num compartimento das retretes. Bud agachou-se e espreitou, deparando com umas mãos a afagar joias. A taluda! Os velhotes abotoaram as braguilhas e saíram. Bud bateu à porta do compartimento.

— Sai cá para fora! É o Pai Natal.

A porta abriu-se bruscamente; um punho voou. Bud apanhou com ele em cheio nas trombas, foi de encontro a um lavatório e cambaleou, o nariz nas algemas, enquanto Kinnard fugia a todo o vapor. Bud levantou-se e lançou-se atrás dele.

Assim que passou a porta, ficou sem poder mexer-se no meio dos clientes do armazém. Kinnard escapou-se por uma saída lateral. Bud avançou com dificuldade. Depois, a escada de serviço descida quatro a quatro. Ninguém no parque de estacionamento, nenhum automóvel a arrancar, nem sombra de Ralphie. Bud correu até ao carro e ligou o rádio:

— 4A31... Telefonista... Estou a chamar.

Crepitações parasitas e a seguir:

— Estou à escuta, 4A31.

— Último domicílio conhecido. Branco, sexo masculino, nome Ralph, apelido Kinnard. Julgo que se escreve K·I·N·N·A·R·D. Depressa, OK?

O homem acusou a receção. Bud enviava diretos no ar: toma toma, toma toma. O rádio cacarejou:

— 4A31, confirme a sua chamada.

— 4A31, terminada.

— Positivo quanto ao Kinnard, Ralph Thomas, branco, sexo masculino, data de nascimento...

— Só a morada, caraças! Pedi-lhe...

O telefonista mandou-o à fava.

— É o teu presente de Natal, parvalhão. A morada é 1486 Evergreen e espero...

Bud cortou a ligação e arrancou em direção a leste, para City Terrace. O conta-quilómetros a oitenta e a buzinar como um desvairado. Chegou a Evergreen em três minutos. Quarteirões a desfiar, o número 1200, o 1300... O 1400 saltou-lhe aos olhos: uma casa pré-fabricada para os veteranos da Segunda Guerra Mundial.

Arrumou o carro e seguiu, a pé, os números das portas até ao 1486, uma coisa em estuque com um trenó de Pai Natal em néon no telhado.

Havia luz no interior e um *Ford* de antes da guerra estava parado em frente. Olhou através de uma vidraça. Ralphie Kinnard espancava uma mulher vestida com um roupão.

A mulher tinha o rosto inchado. Cerca de trinta e cinco anos. Fugia de Kinnard e o roupão abriu-se, revelando seios cobertos de nódoas negras e flancos lacerados.

Bud voltou ao carro para ir buscar as algemas, reparou que a luz do rádio piscava e pegou no auscultador.

— 4A31 passa à escuta.

— Bem recebido, 4A31. Agressão a agentes em serviço. Dois polícias de ronda agredidos diante de uma taberna no número 1990 Riverside. Seis suspeitos em fuga. Identificados através das matrículas dos carros. As outras unidades já foram alertadas.

Bud ficou em pulgas.

— Os nossos estão feridos?

— Confirmado. Encontro no 5314 Avenida 53, Lincoln Heights. Aprenda Dinardo, D-I-N-A-R-D-O, Sanchez, vinte e um anos, mexicano, sexo masculino.

— Compreendido. Enviem viatura ao 1486 Evergreen. Branco, sexo masculino, suspeito a embarcar. Não estarei presente, mas o suspeito encontra-se nessa morada. Farei o relatório mais tarde.

— Na prisão da esquadra de Hollenbeck?

Bud confirmou e pegou nas algemas. Voltou à casa e dirigiu-se ao contador de eletricidade instalado no exterior. Cortou todos os fusíveis até que as luzes se apagassem. O trenó do Pai Natal permaneceu iluminado. Bud puxou um cabo e o trenó espatifou-se na rua: uma das renas explodiu. *Bum!*

Kinnard saiu espavorido de casa e tropeçou em *Rudolfo*³. Bud algemou-o, esborrachando-lhe a cara contra o passeio. Ralphie barafustou e engoliu um bom bocado de cascalho. Bud fez o seu pequeno sermão reservado aos maridos que batiam nas esposas:

— Vais sair da choldra daqui a um ano e meio; e eu hei de saber quando. Se voltas a tocar na tua mulher, e eu venha a saber, prendo-te

³ Nome de uma das renas do Pai Natal. (*N. da T.*)

por violação de miúdos e sabes muito bem o que, em San Quentin⁴, fazem aos violadores de garotos, não sabes? Tão certo como o papa ser um cabrão de um italiano!

A luz voltou: a mulher de Kinnard tinha restabelecido a corrente.

— Posso ir para casa da minha mãe? — perguntou ela.

Bud esvaziou os bolsos de Ralphie: dados e rolos de notas.

— Meta-se no carro e vá-se tratar.

Kinnard cuspiu uns dentes. A Sr.^a Ralphie pegou nas chaves e numa nota de dez.

— Feliz Natal! — exclamou Bud.

A Sr.^a Ralphie soprou-lhe um beijo e saiu em marcha atrás, atropelando a rena que continuava a apagar e a acender.

* * *

Avenida 53. Código 2 — sem sirena. Avistou um grupo de dois polícias em uniforme azul e Dick Stensland.

Bud fez-lhes sinal e Stensland aproximou-se.

— O que é que se passa, colega?

Stensland apontou para um casebre com um dedo.

— O gajo de quem o rádio falou e talvez outros mais. Pelo menos quatro mexicanos e dois brancos atacaram os nossos. O Brownell e o Helenowski. O Brownell talvez tenha uma lesão cerebral e o Helenowski talvez tenha perdido um olho.

— São talvezes de mais.

Stens tresandava a *Listerine*⁵ e a gim.

— Queres armar sarilho?

Bud saiu do carro.

— Nada de sarilhos. Quantos tipos foram presos?

— Nenhum. Somos nós que vamos prender os primeiros.

— Então é melhor dizeres aos homens fardados que se mantenham escondidos.

Stens abanou a cabeça.

— São todos camaradas do Brownell. Também querem molhar a sopa.

⁴ Prisão federal. (*N. da T.*)

⁵ Marca de um produto farmacêutico para refrescar o hálito. (*N. da T.*)

— Nem pensar nisso. O assunto é connosco. Metemo-los na cadeia, redigimos o relatório e ainda temos de ir à festa antes da mudança de guarda. Arranjei três caixas: *Walter Black*, *Jim Beam* e *Cutty*⁶.

— O Exley é o adjunto do comandante da esquadra. Tem a mania dos regulamentos e é um chato. Aposto que não vai apreciar que tomemos uns copos durante as horas de serviço.

— E depois? O chefe de guarda é o Frieling, um tipo tão bêbedo como tu. Não te preocupes com o Exley. Mas, antes, tenho de redigir um relatório. Por isso, vamos já e pronto.

Stens desatou a rir.

— Agressão e ferimentos a uma mulher? O que é isso no Código Penal da Califórnia, parágrafo seiscentos e vinte, alínea um? Eu cá posso ser um cabrão de um bêbedo, mas tu saíste-me um cabrão de um bom samaritano.

— 'Tá bem. Ainda por cima, és meu superior. Então, vamos ou não?

Stens piscou-lhe o olho; Bud avançou até à entrada, de arma em punho. O interior da casa era sombrio, todos os reposteiros estavam corridos. Bud ouviu um anúncio radiofónico: o Gato Félix a fazer publicidade ao *Chevrolet*.

Dick arrombou a porta com um pontapé.

Uma grande algazarra. Um mexicano e uma mulher aos gritos um com o outro. Stens levantou o revólver à altura da cabeça; Bud agarrou-lhe no braço. Um corredor. Bud aproxima-se do alvo com Stens a respirar atrás dele como um asmático — de fazer voar os móveis. Na cozinha, dois mexicanos encurralados contra a janela.

Voltam-se e levantam as mãos: um pequeno *pachuco* e uma bonita rapariga grávida de uns seis meses.

O rapaz vira-se de encontro à parede e é Bud quem o revista: papéis de identidade — Dinardo Sanchez — e uns trocos. A rapariga chora que nem uma Madalena e, lá fora, as sirenas da Polícia põem-se a guinchar. Bud fez rodopiar Sanchez e mandou-lhe um chuto nos tomates.

— Da parte dos nossos, Pancho.

Stens agarrou a rapariga por um braço.

⁶ Marcas de uísque e *bourbon*. (N. da T.)

— Vai para outro lado, minha linda — disse Bud. — Antes que o meu amigo te peça a autorização de residência.

A menção de «autorização de residência» fê-la empalidecer.

— *Madre mia! Madre mia!*

Stens empurrou-a na direção da porta. Sanchez gemeu. Bud viu um enxame de chuis na entrada.

— Vamos deixá-los levar o Pancho.

Stens tinha recuperado um pouco de fôlego.

— Entregamo-lo aos amigos do Brownell.

Dois chuis com ar de novatos entraram; Bud compreendeu que era a única solução.

— Ponham-lhe as algemas e tirem-no daqui. Motivo: agressão a um agente em serviço e desobediência à autoridade.

Os novatos arrastaram Sanchez lá para fora.

— Tu e as tuas mulheres — disse Stens. — A que é que te vais dedicar a seguir? Aos putos e aos cães?

A Sr.^a Ralphie, toda coberta de nódoas negras, como presente de Natal.

— Ando a estudar o problema. Vamos embora, ainda temos de descarregar todas as caixas de bebidas. Se te portares bem, passo-te uma garrafa só para ti.